

18º ERGODESIGN
& USIHC 2022

Informação sobre métodos contraceptivos no meio digital brasileiro: algumas considerações para visualização da informação a partir da perspectiva das mulheres

Information on contraceptive methods in the brazilian digital media: considerations for information visualization from the perspective of women

Laís Sanseverino; Universidade Federal do Paraná; UFPR
Carla Galvão Spinillo; Universidade Federal do Paraná; UFPR

Resumo

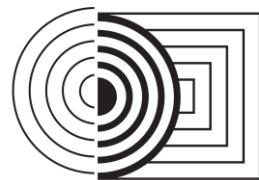
Observa-se o uso da internet como meio de pesquisa sobre contracepção por usuárias. O artigo busca contribuir para preencher a lacuna sobre a comunicação deste assunto, através de um levantamento realizado com mulheres sobre a opinião destas quanto a conteúdos, mídias e formas de apresentação da informação do tema no meio digital. O método utilizado foi a aplicação de um questionário com mulheres que utilizam o meio digital para se informar sobre contracepção. O artigo divide-se em (1) Introdução, (2) Informação sobre métodos contraceptivos e o meio digital (3) Levantamento da opinião de mulheres sobre métodos contraceptivos no meio digital (4) Resultados e discussão e (5) Conclusões e considerações finais. Mostrou-se uma preferência do público quanto a infográficos e representações realistas. Recomenda-se o foco em características emocionais dos artefatos digitais sobre contracepção, como credibilidade e desejabilidade, apontados como as maiores críticas entre as usuárias quanto aos materiais existentes.

Palavras-chave: *artefatos digitais; mídia digital; contracepção; saúde; design da informação.*

Abstract

The use of the internet as a means of research on contraception by users is observed. The article seeks to contribute to fill the gap in this topic through a survey carried out with women on their opinion regarding content, media, and ways of presenting information on the topic in digital media. The method used was the application of a questionnaire with women who use the digital media to get information about contraception. The article is divided into (1) Introduction, (2) Information on contraceptive methods and the digital media (3) Survey of women's opinion about contraceptive methods in the digital media (4) Results and discussion and (5) Conclusions and final considerations. There was a preference for infographics and realistic representations. It is recommended to focus on emotional characteristics of digital artifacts on contraception, such as credibility and desirability.

Keywords: *digital artifacts; digital media; contraception; health; information design.*



**18º ERGODESIGN
& USIHC 2022**

1. Introdução

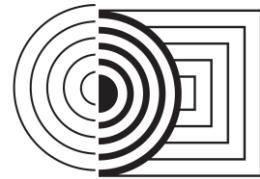
Na área da saúde a comunicação com o público é uma das questões centrais. Na saúde reprodutiva isto é particularmente relevante na informação sobre contracepção. A gestão da vida reprodutiva é multifatorial e complexa, e características dos usuários como comportamento, sexualidade e contexto de vida influenciam e devem ser levadas em conta nas escolhas e uso de métodos contraceptivos (BRANDÃO e CABRAL, 2017). A assistência à anticoncepção é uma das premissas dos Direitos Reprodutivos. No Brasil desde 1996 o Sistema Único de Saúde (SUS) por lei informa sobre todos os métodos e técnicas de concepção e contracepção, garantindo a liberdade de opção (BRASIL, 1996). Segundo relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2015, 79% das mulheres brasileiras entre 15 e 49 anos estavam utilizando algum método contraceptivo, e ainda 86% realizavam alguma forma de planejamento reprodutivo (ONU, 2015). Desde 1985 a taxa de fecundidade no Brasil é menor que a mundial, entretanto, mesmo com amplo acesso a assistência e informações contraceptivas há mais de 20 anos, o país ainda apresenta problemas sérios relacionados à reprodução.

Segundo resultados da pesquisa “Nascer no Brasil” da Fiocruz nos anos de 2011 e 2012, publicados na imprensa (DANTAS, 2016), 55% das mulheres com filhos no Brasil não planejaram engravidar. O número encontra-se acima da média mundial de gravidezes não planejadas apresentado pela ONU, o qual é de 40%. Outra questão é a gravidez na adolescência: segundo relatório da ONU, o Brasil tem uma taxa de 53 gestações para cada mil meninas adolescentes entre 15 e 19 anos, valor também acima da média mundial, o qual é de 41 gestações para cada mil (FUNDO DE POPULAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020). Também como consequência da gravidez não esperada, o aborto ilegal é uma realidade no país. Segundo a Pesquisa Nacional de Aborto 2016 (DINIZ, MEDEIROS e MADEIRO, 2017), em termos aproximados, uma em cada cinco mulheres no país, aos 40 anos, já interrompeu uma gravidez. Esses dados têm impacto econômico e social no país: estima-se que, anualmente, gestações não planejadas custem R\$4.1 bilhões ao sistema público de saúde brasileiro (LE et al., 2014).

Diante destes dados alarmantes, considera-se a importância da informação de qualidade sobre contracepção para a população, particularmente para as mulheres, devido aos diversos métodos que envolvem acompanhamento ou intervenções ginecológicas. Nesse sentido, a seguir são apresentados aspectos da comunicação da informação sobre métodos contraceptivos nos meios digitais.

2. Informação sobre métodos contraceptivos no meio digital

O uso do meio digital por adolescentes e mulheres na busca por informações sobre métodos contraceptivos tem sido ampliado, o que é constatado em estudos sobre este tema nos últimos anos. Em pesquisas em escolas estaduais brasileiras, a internet aparece como a fonte mais



18º ERGODESIGN & USIHC 2022

utilizada para informação sobre sexualidade, sobrepondo outras fontes como escola, amigos, profissionais de saúde e família (VIEIRA et al., 2016; SERRA, 2018; GARCÉS e DE MOURA RÉGIS, 2019). Estudos também relatam o uso da internet no país por mulheres para obtenção de informações sobre aborto induzido (DUARTE, MORAES e ANDRADE, 2018), sobre métodos contraceptivos de emergência (SILVA et al., 2015); e ainda apresentam dados sobre o uso de rede sociais para a troca de conhecimentos sobre assuntos relativos à contracepção entre usuárias (SANTOS, 2017).

Estima-se que 83% da população tinha acesso à internet em 2020 (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2020), observando-se um aumento em especial em domicílios das classes C e D/E. O uso da internet para a informação sobre métodos contraceptivos pode ter como causa dificuldades, hábitos culturais ao redor da contracepção, ou mesmo impossibilidade de acesso a unidades físicas do sistema de saúde do país. Isto devido a situações adversas, como na pandemia de Covid-19 em 2020, quando o Ministério da Saúde recomendou o uso da internet como um dos meios de disseminação da informação sobre métodos contraceptivos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). A figura a seguir mostra um exemplo de informação veiculada em meio digital em sites governamentais brasileiros sobre preservativos feminino e masculino.

Figura 1 – Página de cartilha sobre contracepção divulgada no site da Secretaria de Saúde do Distrito Federal

Métodos Anticoncepcionais

A seguir, você poderá saber mais sobre quais os métodos contraceptivos oferecidos pelo nosso SUS, de acordo com a realidade da saúde brasileira!

PRESERVATIVO FEMININO

PRESERVATIVO VAGINAL

PRESERVATIVO PENIANO "CAMISINHA"

Anticoncepcional para ser usado no pênis.

Como usar? Deve ser colocado com o pênis ereto (duro), antes da penetração. Não pode abrir com a boca para não rasgar. Tem que desenrolar o preservativo desde a "cabeça" do pênis até a sua base, segurando a extremidade (a ponta da "camisinha") para não entrar ar dentro dela.imediatamente após a ejaculação, o pênis deve ser retirado do vaginai ainda com o preservativo, que deverá ser removido somente depois que o pênis tiver completamente fora da cavidade vaginal ou oral.

Eficácia: Índice de Pearl de 2% quando usado corretamente.

Como ele pode falhar? Se não for armazenado da forma correta, se a embalagem estiver danificada, se prazo de validade tiver vencido, se a lubrificação for insuficiente ou se usar dois preservativos ao mesmo tempo.

Por que usar? Protege contra doenças sexualmente transmissíveis, como HIV, HPV, sífilis, e impede gravidez não desejada ou não planejada.

Quando não usar? Se tiver alergia ao material do preservativo ou dificuldade em manter a posição.

Vantagens: Prático, evita gravidez e protege contra doenças transmitidas pelo sexo.

Desvantagens: Pode rasgar, deslizar para fora do pênis, retardar a ejaculação, pode causar desconforto, reação alérgica ao látex e irritar a vagina.

Anticoncepcional para usar dentro vagina.

Como usar? Deve ser colocado dentro da vagina, de modo que o anel móvel fique próximo ao colo do útero e o anel fixo fique perto do canal vaginal, recorrendo a parte central da vulva. Não deve ser utilizado com o preservativo masculino, porque o anel aumenta o risco de rasgar os dois preservativos.

Eficácia: Índice de Pearl de 5% quando usado da forma correta.

Como ele pode falhar? Se não for armazenado da forma correta, se a embalagem estiver danificada, se prazo de validade tiver vencido, se a lubrificação for insuficiente ou se usar dois preservativos ao mesmo tempo.

Por que usar? Protege contra doenças sexualmente transmissíveis, como HIV, HPV, sífilis, e impede gravidez não desejada ou não planejada.

Quando não usar? Se tiver alergia ao material do preservativo ou protótipos genitais.

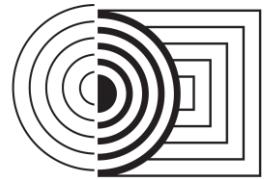
Vantagens: Pode ser inserido antes do ato sexual, não depende do pênis ereto (duro), evita gravidez, protege contra doenças transmitidas pelo sexo, e não precisa ser retirado imediatamente após a ejaculação.

Desvantagens: Pode ter uma falha de até 21% se for usado da forma errada, pode ser barulhento e desconfortável se não for inserido da maneira correta.

CLIQUE AQUI OU NA IMAGEM ACIMA PARA VER COMO COLOCAR A CAMISINHA.

PRESERVATIVOS

Fonte: <https://www.saude.df.gov.br/cartilha-informa-populacao-sobre-os-metodos-contraceptivos/>



18º ERGODESIGN & USIHC 2022

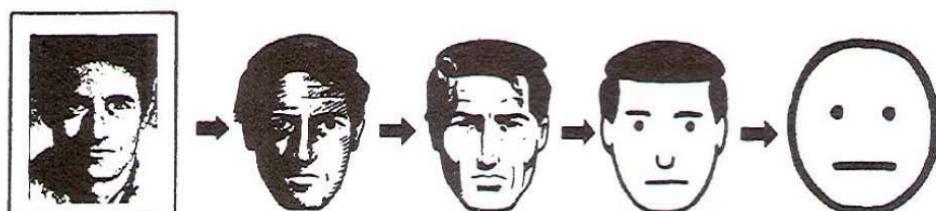
Apesar da relevância dos meios digitais para informação em saúde, poucos estudos investigam a informação disponível sobre métodos contraceptivos no país, embora alguns autores considerem um tema emergente de estudo (WINKELMANN e ANDRADE, 2018; TAVARES, 2020). Um exemplo disto é um estudo de 2020, em Porto Rico, o qual investigou campanha sobre contracepção e Zica vírus, através de grupos focais com mulheres e homens entre 18 e 49 anos (AUGUST et al., 2020). Como um dos resultados, tem-se preferência por receber informações sobre métodos contraceptivos, potenciais efeitos colaterais, e acesso a serviços contraceptivos via canais na internet e diretamente de profissionais de saúde. A pesquisa aponta a importância de estudos que identifiquem as motivações para o uso de contracepção entre os pacientes durante uma emergência de saúde, de modo a criar campanhas efetivas que aderecem suas reais preocupações.

Em outro estudo foi conduzida uma análise descritiva de 11 sites de órgãos de saúde do nível municipal de capitais brasileiras, tendo como conclusão de que estes não abordam a saúde reprodutiva com a devida complexidade (TAVARES, 2020). Apontou-se que os sites não apresentaram seções acessíveis direcionadas à saúde da mulher, e que muitos conteúdos eram direcionados à profissionais da saúde e não à população. Tais resultados evidenciam a necessidade de aprofundamento de questões sobre comunicação e a representação gráfica da informação na área da saúde contraceptiva no país.

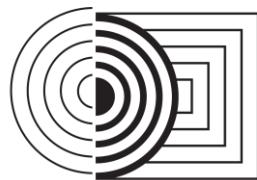
2.1. Aspectos da representação da informação sobre saúde reprodutiva

Na área da saúde várias mídias são utilizadas para comunicação, como vídeos, animações manuais e infográficos (ANDRADE, 2014; ROJAS, 2019; FREITAS et al., 2020). Estes, segundo Andrade (2014), integram imagens, textos e representações esquemáticas como gráficos, mapas e tabelas, procurando facilitar a compreensão da informação. Quanto ao uso de imagens na comunicação de informação em saúde, estas podem variar em estilos gráficos ou grau de realismo. Por exemplo, um método contraceptivo pode ser representado por uma fotografia ou por um pictograma. Para classificar estilos gráficos de imagens, McCloud (1993) propõe um contínuo de realismo pictórico que começa em uma representação realista como a fotografia, até uma representação esquemática, conforme mostrado na Figura 2.

Figura 2 - Imagem sobre o realismo de uma ilustração, segundo McCloud (1993)



Fonte: McCloud (1993)



18º ERGODESIGN & USIHC 2022

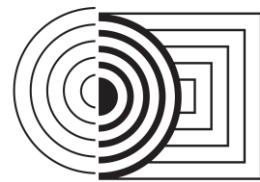
A comprehensibilidade e preferência por estilos pictóricos na representação da informação em saúde colocam-se como relevantes para a eficácia comunicativa de artefatos gráficos, visto que determinam como a informação é visualizada. Todavia, estes aspectos ainda demandam estudos em ergonomia informacional e design da informação.

Em uma revisão de literatura sobre visualização de dados em saúde, Meloncon e Warner (2017) apontam que esta área envolve diferentes campos do conhecimento que ainda não estão integrados. Assim, os autores apontam a necessidade de uma maior aproximação entre diferentes áreas para buscar melhores formas de comunicar visualmente informações em saúde para o público leigo. Winkelmann e Andrade (2018) analisaram materiais gráficos sobre DIU de cobre nas redes sociais brasileiras. Os resultados indicaram que metade destes materiais foram produzidos por leigos na área de design, que podem vir a reproduzir aquilo que têm mais familiaridade em seu dia a dia, e não necessariamente o que comunicaria melhor.

Sobre a preferência por visualização da informação em saúde, Arcia et al. (2016) apontam que os usuários podem optar por informação e gráficos complexos, e alertam que os contextos em que estes se inserem são importantes para sua compreensão no âmbito da literacia em saúde. Além disto, Parrott et al. (2005) afirmam que a literacia gráfica é fortemente afetada por familiaridade e expertise com certos formatos gráficos. Já no estudo de Turchioe et al. (2020) foi conduzido um teste de compreensão de visualizações gráficas, no qual as visualizações usando texto e analogias foram as mais compreendidas. Todavia, o estudo constatou discrepância entre os resultados de compreensão e de preferência das visualizações pelos participantes. Isto corrobora com pesquisas que indicam que estas dimensões não estão diretamente relacionadas (ANCKER et al. 2006).

Considerando os estudos aqui mencionados, pode-se afirmar que diferentes representações gráficas da informação em saúde influenciam compreensão e preferência por elas, e relacionam-se às características e demandas informacionais do seu público-alvo. A preocupação comunicativa com o público-alvo é foco tanto do design para experiências com artefatos/sistemas quanto para o design para a saúde. Neste sentido, Landim e Jorente (2020) apontam a importância das dimensões culturais, afirmando que o sucesso de iniciativas de promoção de saúde, autocuidado e prevenção são afetados por fatores como: idade, gênero, classe social, etnia; status social, língua, poder e relações sociais; atitudes, crenças e valores.

Portanto, visualizações da informação em saúde, assim como de materiais educativos nesta área, devem ser desenvolvidos com abordagens de design centrado nos usuários e em suas experiências, no escopo da ergonomia informacional. Segundo Hartson e Pyla (2018), experiência do usuário pode ser definida como a totalidade dos efeitos sentidos pelo usuário antes, durante e depois da interação com um artefato ou sistema. Neste sentido, pode-se considerar que a visualização da informação em saúde também se insere na experiência dos usuários com artefatos comunicativos. Morville (2004) propõe as seguintes qualidades para uma satisfação com a experiência com um artefato/sistema: ser útil, utilizável, localizável, credível, acessível, desejável e ter valor, as quais são apresentadas no diagrama ‘Favo de Mel da Experiência do Usuário’. Spinillo et al. (2019) utilizam este diagrama na discussão de aspectos da comunicação de informação em



18º ERGODESIGN & USIHC 2022

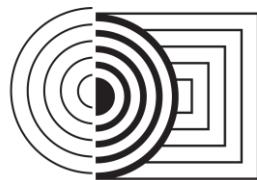
artefatos gráficos em saúde, agrupando as qualidades como extrínsecas e intrínsecas ao usuário (Figura 3). As **qualidades extrínsecas** não pertencem ao âmbito do usuário, mas do artefato/sistema: sua interface gráfica e interação com conteúdo/informações. Estas qualidades se referem a ser: localizável, útil, utilizável e acessível. *Localizável* diz respeito ao desenvolvimento de artefatos/sistemas facilmente navegáveis quanto aos seus elementos e funcionalidades; *útil* refere-se ao usuário conseguir performar a tarefa pretendida; *utilizável* é sobre boa usabilidade; e *acessível* refere-se à recursos de acessibilidades para usuários com limitações ou deficiências. Já as **qualidades intrínsecas** pertencem ao âmbito do usuário, são relacionadas às suas expectativas e emoções, sendo estas: desejável, credível e ter valor (para o usuário). *Desejável* é uma qualidade que se relaciona ao design emocional, à apreciação estética e do conteúdo do artefato; e *credível* a quanto o usuário acredita e confia no artefato/sistema. Por fim, a qualidade de '*ter valor*' refere-se ao quanto o usuário valoriza o artefato/sistema, sendo uma qualidade resultante das demais (SPINILLO et al., 2019). Assim sendo, pode-se dizer que a visualização da informação sobre métodos contraceptivos veiculada em ambientes digitais deve possuir tais qualidades para produzir uma experiência satisfatória no seu público-alvo.

Figura 3 – Favo de Mel da Experiência do Usuário de Morville (2004), com qualidades extrínsecas e intrínsecas apontadas por Spinillo et al. (2019)



Fonte: Spinillo et al. (2014) adaptado pela autora.

Os aspectos aqui mencionados evidenciam a demanda por estudos sobre comunicação de conteúdo, mídias e formas de apresentação da informação sobre métodos de contracepção.



**18º ERGODESIGN
& USIHC 2022**

Assim, o presente artigo busca contribuir para preencher esta lacuna, no escopo da ergonomia informacional, apresentando um levantamento realizado com mulheres neste tema no meio digital.

3. Levantamento da opinião de mulheres sobre métodos contraceptivos no meio digital

Este levantamento visou explorar a opinião e demandas informacionais de mulheres usuárias do meio digital quanto à informação sobre métodos contraceptivos, com foco em artefatos digitais e seu modo de representação. Para isto foi empregado um questionário *online*.

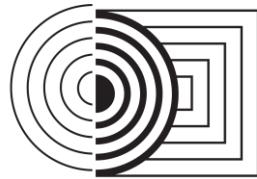
O questionário foi disponibilizado através da ferramenta *Google Forms*, e publicado em grupos sobre métodos contraceptivos na rede social digital Facebook. Os grupos de Facebook são espaços de trocas de postagens criados, moderados e frequentados pelos próprios usuários, geralmente com um tema ou objetivo específico. No Brasil, é observado o uso destes grupos como forma de troca de experiências sobre contracepção e sexualidade, onde destacam-se grupos sobre contracepção não hormonal (SANTOS, 2017). O questionário constou de 20 perguntas (abertas e fechadas), as perguntas divididas em cinco blocos temáticos, como recomenda Prodanov e De Freitas (2013), sendo estes:

1. Forma de acesso ao questionário, faixa etária, e conhecimento sobre métodos contraceptivos
2. Uso e preferência de meios digitais e artefatos para se informar sobre contracepção
3. Preferência de estilos de representação visual (baseado em McCloud, 2005)
4. Tipo de conteúdo sobre métodos contraceptivos desejado de ser visto no meio digital
5. Motivos para procurar informações sobre métodos contraceptivos em meios digitais

O questionário foi postado em dois grupos da rede social Facebook: “DIU de Cobre – O grupo” (46,4 mil membros na época) e “Adeus Hormônios: Contracepção Não Hormonal” (132,3 mil membros na época), e permaneceu aberto para respostas por 48h no mês de junho de 2020.

3.1. Forma de análise das respostas

As respostas do questionário foram analisadas empregando as funcionalidades da ferramenta *Google Forms*. Os resultados das questões fechadas foram analisados por frequência de respostas, identificando tendências numéricas simples. Já para os resultados das questões abertas, as respostas foram agrupadas por similaridade e quantificadas, possibilitando também tendências numéricas simples. Para a questão aberta com críticas aos materiais sobre métodos contraceptivos encontrados no meio digital (questão 12), as respostas foram classificadas seguindo as qualidades da experiência do usuário propostas por Morville (2004), conforme empregado por Spinillo et al. (2019)



4. Resultados e discussão: A opinião das mulheres

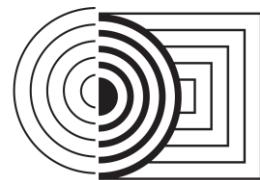
O questionário obteve 514 respostas (n=514): 5,2% (n=27) mulheres que receberam o questionário diretamente, 37,2% (n=191) participantes do grupo “DIU de Cobre – o grupo” e 57,6% (n=296) participantes do grupo “Adeus Hormônios: Contracepção não hormonal”. Dentre as respondentes, a maioria, com 73,6% (n=378) encontra-se entre 20 e 29 anos de idade (Figura 4). Mais da metade se sente bem-informada sobre métodos contraceptivos, e quanto menos utilizado e conhecido um método, maior o interesse em saber mais sobre este. Apenas 1,8% de mulheres da amostra (n=9) afirmaram não utilizar meios digitais para se informar sobre métodos contraceptivos. Dessa forma, as perguntas seguintes sobre materiais sobre contracepção encontrados no meio digital foram respondidas por 505 mulheres.

Figura 4 – Faixa etária das respondentes do questionário (n=514)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os três meios mais utilizados para procurar informação sobre métodos contraceptivos foram, em ordem: pesquisa no google ou outro site de busca (94,9%), grupos de Facebook (87,3%) e portais sobre saúde geral ou saúde da mulher (80,4%) (Tabela 1). Quanto à pergunta sobre qual o artefato digital que mais gostaria de receber informações sobre métodos contraceptivos, metade das respostas, com 52,3% (n=264), foram infográficos digitais (esquema/diagrama/imagem com ilustrações e texto/etc.) (Figura 5). Em seguida, perguntou-se qual dos artefatos as mulheres menos se identificam, onde a maioria das respostas apontou vídeos com 36,6% das respostas (n=185).



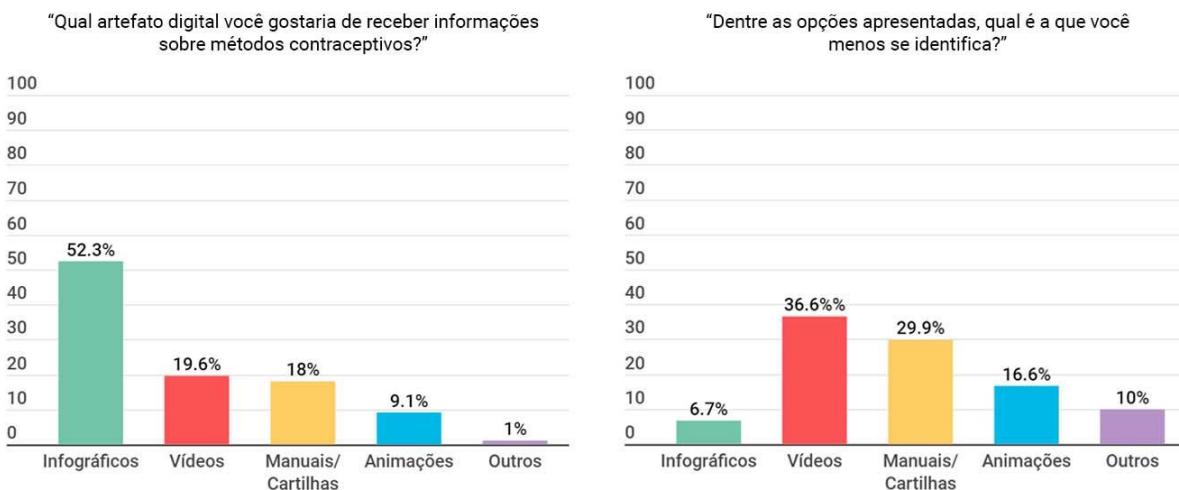
18º ERGODESIGN & USIHC 2022

Tabela 1. Resultado da questão de múltipla escolha, sem limite de seleção, “Quais destes meios digitais você utiliza ou já utilizou para se informar sobre métodos contraceptivos?” (n=505)

Meio digital	n	Porcentagem
Pesquisa no Google ou outro site de busca	479	94,9%
Grupos de Facebook	441	87,3%
Portais sobre saúde geral ou saúde da mulher	406	80,4%
YouTube	241	47,7%
Páginas de Facebook	231	45,7%
Instagram	222	44%
Sites sobre contracepção (do governo, de ONGs etc.)	200	39,6%
Portais sobre estilo de vida	155	30,7%
Aplicativos de celular/tablets	154	30,5%
Sites voltados à educação geral (mundo escola etc.)	141	27,9%
Blogs	132	26,1%
Portais de notícias	101	20%
Wikipedia	83	16,4%
Fóruns online ou similares	54	10,7%
Grupos de WhatsApp	34	6,7%
Twitter	24	4,8%
Outros	11	2,2%

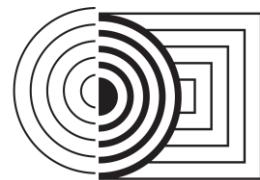
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Figura 5 – Preferência e rejeição de artefatos digitais sobre métodos contraceptivos (n=505)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ao justificarem a escolha do artefato digital na questão seguinte aberta, sobre infográficos digitais, a maioria utilizou termos como: fácil, prático, objetivo, direito, rápido, claro (Quadro 1). Outras respostas relacionadas a infográficos foram: didático, funcional, pode salvar para ler depois, fácil



18º ERGODESIGN & USIHC 2022

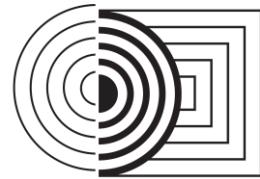
de ser divulgado, agradável de ler, visual, alia texto e imagem, dados científicos, mais apelativo, lúdico, chama a atenção, seriedade, sistematiza dados.

Quadro 1 – Justificativas quanto a preferência e rejeição de artefatos digitais sobre métodos contraceptivos (n=505)

	Justificativas Preferência	Justificativas Rejeição
Infográficos	Facilidade, praticidade, rapidez; Objetividade, clareza; Didático	Científico e pouco didático; Difícil de entender
Vídeos	Facilidade; Melhor entendimento	Demorado, longos, não prende atenção; Sem paciência; Dependendo do lugar não dá para assistir; Pouco prático; Qualquer pessoa pode trazer informação equivocada
Manuais/ Cartilhas	Facilidade e praticidade; Detalhamento e informações mais completas; Objetividade; Gosto de ler	Longos; Difícil compreensão; Extenso com linguagem técnica; Chato; Formal demais; Complexo e pouco explicativo
Animações	Facilidade de entendimento; Divertidas e dinâmicas; Atrairia diversos públicos; Objetivas; Descontraídas	Infantil demais; Não gosto/Não passa credibilidade; Não sou acostumada/Não me identifico

Fonte: Elaborado pelas autoras.

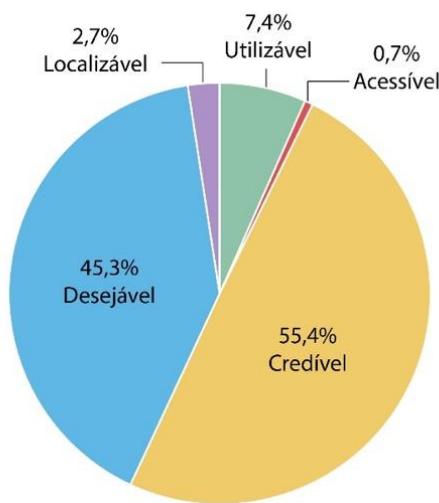
Quanto a questão sobre possuir críticas aos materiais encontrados, 29,3% (n=148) responderam *sim*. A justificativa (em questão aberta) das respostas positivas totalizaram 145 críticas. Estas foram analisadas com base nas qualidades da experiência dos usuários (MORVILLE, 2004; SPINILLO et al, 2019), sendo classificadas como: utilizável, acessível, credível, desejável e localizável. A maior incidência das críticas relaciona-se às qualidades credível com 55,4%, (n=82) e desejável com 45,3% (n=67). Já as menores incidências são relativas às qualidades: localizável (n=4), acessível (n=1) e utilizável (n=11), conforme mostra a Figura 6. As críticas relacionadas à credibilidade do conteúdo foram as mais frequentes, entre elas: a imparcialidade ou tendenciosidade dos materiais, existência de informações divergentes ou erradas, falta de fontes científicas, fontes e



18º ERGODESIGN & USIHC 2022

profissionais não confiáveis, e expressão de não confiabilidade no geral (e.g. “Muitos lugares não têm fontes, acabam se contradizendo e ficamos sem saber no que acreditar”). A desejabilidade foi a segunda categoria com mais críticas, metade destas sobre o conteúdo ser superficial e a falta de informações, seguidas por críticas sobre a linguagem, o formato, falta de informações específicas e de inclusão de relações não heterossexuais e de pessoas transgênero (e.g. “Tem pouca aproximação com a experiência feminina”). As críticas relativas à qualidade de ser utilizável, trataram do não entendimento do material informativo e da necessidade de pagamento para utilizá-lo. Apenas uma participante demonstrou preocupação quanto à acessibilidade aos materiais de pessoas com deficiência, expressada como: “Percebo que poucos materiais são pensados para pessoas com deficiências”. Quatro respondentes apontaram críticas quanto à qualidade de ser localizável, como por exemplo nesta resposta: “Nunca achei um site/perfil em redes sociais/etc. apenas para esse assunto”.

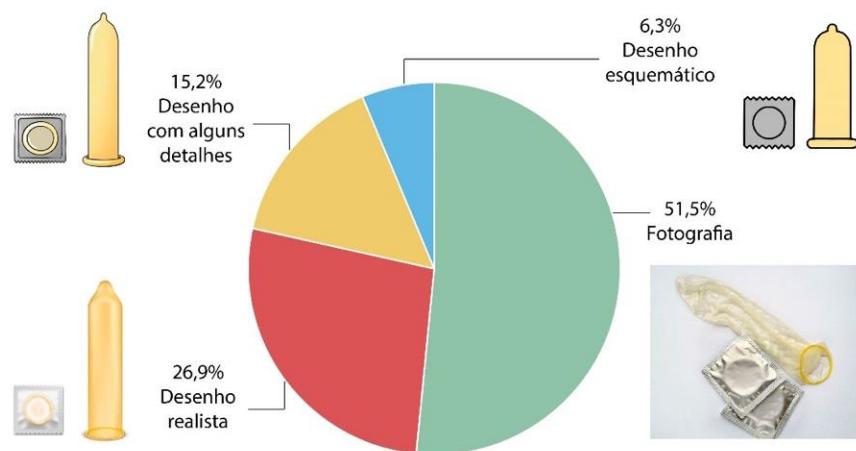
Figura 6 - Porcentagem de críticas sobre materiais digitais sobre métodos contraceptivos (n=145)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na questão sobre qual tipo de representação as respondentes acham mais adequadas para conceitos de contracepção, 51,5% escolheram a fotografia (n=260), seguida por desenho realista com 26,9% (n=136), desenho com alguns detalhes com 15,2% (n=77) e desenho esquemático com 6,3% (n=32), conforme a Figura 7.

Figura 7 - Qual tipo de representação as respondentes acham mais adequado para representar conceitos de contracepção (n=505)

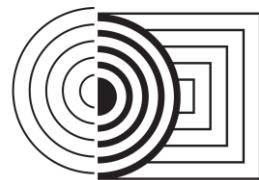


Fontes: Fotografia: <https://tinyurl.com/65yjj86b>. Desenho realista: <https://tinyurl.com/8ttan52v>. Desenho com alguns detalhes e desenho esquemático: da autora

Os resultados acima apresentados, em geral, alinham-se à literatura quanto à informação sobre métodos contraceptivos e sua representação gráfica. O estudo de Arcia et al. (2016) que constatou a importância do contexto em que os gráficos sobre contracepção estão inseridos é ratificado nos resultados da presente pesquisa no âmbito da experiência das usuárias com o meio online. Por sua vez, a preferência das participantes por infográficos indica uma provável familiaridade com este tipo de artefato, conforme explorado em Parrot et al. (2005) e Turchio et al. (2020). Todavia, é importante destacar que a preferência das participantes não significa necessariamente maior compreensão das representações gráficas, conforme apresentado na revisão por Ancker et al. (2006). No que tange às opiniões das participantes, elas indicam críticas no âmbito da deseabilidade e credibilidade do conteúdo veiculado sobre o tema. Isto alinha-se ao estudo de August et al. (2020) sobre a importância de compreender-se as motivações do público no uso da contracepção para o direcionamento correto de projetos de comunicação na saúde. Além disso, foi criticada a superficialidade dos conteúdos, o que pode vir a impactar na deseabilidade, alinhando-se ao que aponta Tavares (2020) sobre a falta de profundidade nos sites de órgãos de saúde municipais. Por fim, a diferente natureza das críticas apresentadas pelas participantes parecer corroborar com o trabalho de Meloncon e Warner (2017) que aponta a necessidade da integração de diferentes áreas para a comunicação efetiva em design da saúde.

5. Conclusões e considerações finais

Esta pesquisa se propôs a explorar qual a opinião e demandas de mulheres usuárias do meio digital quanto ao conteúdo sobre métodos contraceptivos encontrado neste meio. Com base nos resultados tem-se como principais conclusões:



18º ERGODESIGN & USIHC 2022

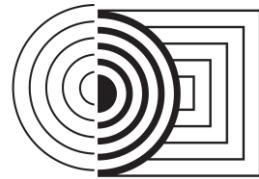
- O meio digital mais utilizado pelas usuárias para se informar sobre métodos contraceptivos é a pesquisa por portais de busca como o *Google*;
- Infográfico foi considerado o principal artefato digital para informar sobre métodos contraceptivos, sendo associado à praticidade, objetividade, rapidez e clareza comunicacional;
- Facilidade foi a qualidade mais citada para preferência quanto a um artefato digital, independente de seu tipo/mídia (vídeo, animação ou manual/cartilha);
- As críticas quanto aos materiais sobre métodos contraceptivos encontrados no meio digital foram predominantes quanto à desejabilidade e credibilidade destes;
- Fotografia foi a representação considerada mais adequada para representar conceitos de concepção, sugerindo que quanto maior o realismo da representação, maior a preferência por esta.

Relacionando-se estes resultados, pode-se inferir que as mulheres buscam materiais de fácil acesso, objetivos, com representações fiéis à realidade ou a seu referencial. Todavia, a preferência pela acuidade da representação ou mídia parece estar subordinada a sua praticidade de uso. Isto encontra-se nas respostas sobre o vídeo, que foi o segundo artefato em preferência das mulheres, porém, com maior rejeição dentre as mídias, tendo como justificativa ser “Demorado; que não prende a atenção”.

Quanto às críticas das mulheres sobre materiais digitais sobre contracepção, estas são em maioria relativas às qualidades intrínsecas, portanto, relacionadas ao emocional das respondentes e a percepção de confiabilidade do conteúdo dos materiais. As qualidades utilizável, acessível e localizável, que são relacionadas às questões técnicas do design dos artefatos gráficos/sistemas, mostraram-se ser minoria entre as respostas. Estes resultados corroboram com Brandão e Cabral (2017) quando afirmam que a área de contracepção é comumente tratada como apenas uma questão técnica e individual por profissionais. Os autores vão além, apontando que é exatamente a falha em perceber a relação com sexualidade, e, consequentemente, fatores emocionais e sociais ao redor desta, que pode resultar em comunicações não efetivas com as pacientes.

Por fim, com base nos resultados deste levantamento e na literatura, são propostas algumas recomendações para o design de materiais gráficos sobre métodos contraceptivos veiculados no meio digital para mulheres:

- Quando possível empregar uso de infográfico para o desenvolvimento de materiais sobre contracepção, visto sua preferência e baixa rejeição entre as mulheres;
- Priorizar representações realistas dos métodos contraceptivos, como a fotografia e o desenho detalhado;
- Usar informações atuais, advindas de fontes tidas como confiáveis e imparciais como artigos científicos, agências governamentais e ONGs, com as fontes de referências dispostas de forma clara no material;



18º ERGODESIGN & USIHC 2022

- Se possível utilizar escolhas gráficas de design que promovam credibilidade e confiabilidade, dado que esta foi a maior crítica das mulheres quanto aos materiais;
- Empregar linguagem adequada ao público-alvo, com conteúdo que inclua diferentes contextos de vida, sexualidades e identidades;
- Aprofundar em assuntos de interesses das usuárias, os quais podem ser identificados através de pesquisas diretamente com o público.

Além da consideração das recomendações apresentadas, é importante que as mulheres sejam incluídas no processo de design dentro da perspectiva da experiência do usuário e do design centrado no usuário, para geração de projetos eficientes os quais atentam-se às necessidades e desejos do seu público.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradecimento às participantes voluntárias, que tornaram a pesquisa possível.

6. Referências Bibliográficas

ANCKER, Jessica S. et al. Design features of graphs in health risk communication: a systematic review. *Journal of the American Medical Informatics Association*, v. 13, n. 6, p. 608-618, 2006.

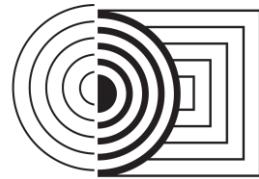
ANDRADE, Rafael de Castro. *Infográficos animados e interativos em saúde*. 2014. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

ARCIA, Adriana et al. Sometimes more is more: iterative participatory design of infographics for engagement of community members with varying levels of health literacy. *Journal of the American Medical Informatics Association*, v. 23, n. 1, p. 174-183, 2016.

AUGUST, Euna M.; ROSENTHAL, Jackie; TORREZ, Ruben; ROMERO, Lisa; BERRY-BIBEE, Erin; FREY, Meghan T.; TORRES, Ricardo; RIVERA-GARCIA, Brenda; HONEIN, Margaret A.; JAMIESON, Denise J.; LATHROP, Eva. Community understanding of contraception during the Zika virus outbreak in Puerto Rico. *Health Promotion Practice*, v. 21, n. 1, p. 133-141, 2020.

BRANDÃO, Elaine Reis; CABRAL, Cristiane da Silva. Da gravidez imprevista à contracepção: aportes para um debate. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33, p. e00211216, 2017.

BRASIL. Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996. Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 15 jan. 1996.



18º ERGODESIGN & USIHC 2022

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **TIC Domicílios 2020** – Lançamento dos resultados.

São Paulo: CGI.br, 2020. Disponível em:

https://www.cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2020_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

DANTAS, Carolina. Mais de 55% das brasileiras com filhos não planejaram engravidar, diz estudo. **G1**, 2016; 1 dez. Disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/mais-de-55-das-brasileiras-com-filhos-nao-planejaram-engravidar.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2021.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo; MADEIRO, Alberto. Pesquisa nacional de aborto 2016. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 653-660, 2017.

DUARTE, Nanda I. G.; MORAES, Lorena Lima de; ANDRADE, Cristiane B. A experiência do aborto na rede: análise de itinerários abortivos compartilhados em uma comunidade online. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 3337-3346, 2018.

FUNDO DE POPULAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA). **Situação da População Mundial 2020**. UNFPA, 2020. Disponível em: https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/public/pdf/situacao_da_populacao_mundial_2020-unfpa.pdf. Acesso em: 13 fev. 2021.

GARCÊS, Andreza C. T.; DE MOURA RÉGIS, Milena. Transposição didática: uma análise do conhecimento de adolescentes do ensino médio sobre sexualidade e contraceptivos. **Revista Científica ANAP Brasil**, v. 12, n. 26, 2019.

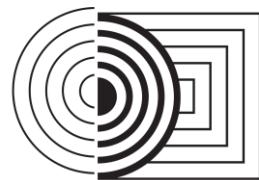
HARTSON, Rex; PYLA, Pardha. **The UX book: Agile UX design for a quality user experience**. Morgan Kaufmann, 2018.

LANDIM, Laís Alpi; JORENTE, Maria José Vicentini. Dimensões culturais aplicadas ao design da informação de ambientes digitais e-saúde. **Revista Fontes Documentais**, v. 3, p. 395-402, 2020.

LE, Hoa H.; CONOLLY, Mark P.; BAHAMONDES, Luis; CECATTI, Jose G.; YU, Jingbo; HU, Henry X. The burden of unintended pregnancies in Brazil: a social and public health system cost analysis. **International journal of women's health**, v. 6, p. 663, 2014.

MCCLOUD, Scott. Understanding comics: The invisible art. **Northampton, Mass**, 1993.

MELONCON, Lisa; WARNER, Emily. Data visualizations: A literature review and opportunities for technical and professional communication. In: **2017 IEEE International Professional Communication Conference (ProComm)**. IEEE, 2017. p. 1-9.



18º ERGODESIGN & USIHC 2022

MINISTÉRIO DA SAÚDE. NOTA TÉCNICA Nº 16/2020-COSMU/CGCIVI/DAPES/SAPS/MS. **Acesso à Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva no Contexto da Pandemia da Covid-19.** Brasília, 01 jun. 2020. Disponível em: https://kidopilabs.com.br/planificasus/upload/covid19_anexo_46.pdf. Acesso em: 14 out. 2020.

MORVILLE, Peter. **User Experience Design.** Semantic Studios, 2004. Disponível em: https://semanticstudios.com/user_experience_design/. Acesso em: 24 set. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Trends in Contraceptive Use Worldwide 2015.** Nova Iorque: Nações Unidas, 2015.

PARROTT, Roxanne et al. Risk comprehension and judgments of statistical evidentiary appeals: When a picture is not worth a thousand words. **Human Communication Research**, v. 31, n. 3, p. 423-452, 2005.

PRODANOV, Cleber C.; DE FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição.** Editora Feevale, 2013.

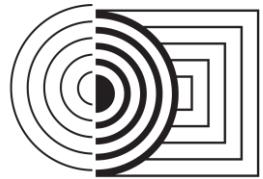
ROJAS, Carlos Felipe Urquizar. **Animações multimídia sobre alimentação e nutrição: Um estudo sobre a compreensão por agentes comunitários de saúde de Curitiba.** 2019. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

SANTOS, Ananda Cerqueira Aleluia dos. **“Adeus, hormônios”: concepções sobre corpo e contracepção na perspectiva de mulheres jovens.** 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SERRA, Claudiana B. **Educação em sexualidade na escola: um projeto com adolescentes.** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação para Saúde) - Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra, Coimbra, 2018.

SILVA, Narita G.; SANCHEZ; Monique; FIGUEIREDO, Regina; BORGES, Ana Luiza. Internet como Instrumento de Disseminação de Informações e Esclarecimento de Dúvidas sobre Contracepção de Emergência. In: **Panorama da Contracepção de Emergência no Brasil.** (Org) FIGUEIREDO, Regina; BORGES, Ana Luiza Vilela; PAULA, Silvia Helena Bastos. São Paulo: Instituto de Saúde, 2015.

SPINILLO, Carla G.; REIS, Edilson T. S. de; OLIVEIRA, Ana Emilia; JÚNIOR RABELO, Dilson; LIMA, Camila; ASSIS, Katherine. Interaction Testing on Using an E-Book Authoring Tool: A Case Study of the SaiteBooker (UNA-SUS/UFMA, Brazil). In: **International Conference on Human-Computer Interaction.** Springer, Cham, 2019. p. 483-494.



18º ERGODESIGN & USIHC 2022

TAVARES, Débora de Lira Costa. Gênero e E-Gov: A Saúde Reprodutiva no Ambiente Digital. **ISLA 2020 Proceedings**, 28. 2020.

TURCHIOE, Meghan et al. Visual analogies, not graphs, increase patients' comprehension of changes in their health status. **Journal of the American Medical Informatics Association**, v. 27, n. 5, p. 677-689, 2020.

VIEIRA, Ellayne L.; PESSOA, Graziella R. S.; VIEIRA, Luanna L.; CARVALHO, Wyllyane R. C.; FIRMO, Wellyson. Uso e conhecimento sobre métodos contraceptivos de estudantes da rede de ensino pública e privada do município de Bacabal-MA. **Revista Científica ITPAC**, v. 9, n. 2, p. 88-106, 2016.

WINKELMANN, Caroline; ANDRADE, Rafael de Castro. Procedimento para análise gráfica em materiais digitais de redes sociais sobre DIU de cobre. **13º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, Univille, Joinville – SC, nov. 2018.